

Editorial

Maio é o mês em que se fala particularmente de Museus, a nível internacional. Este ano o tema das comemorações do Dia Internacional dos Museus chama a atenção para a importância do Património Cultural Imaterial.

Esta *reserva* patrimonial foi definida, em Outubro último, pela *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*, realizada pela UNESCO, como “as práticas, representações, expressões, conhecimentos, saber-fazer – tal como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, grupos e, em caso de excepção, os indivíduos reconhecidos como parte do seu património cultural. Este património imaterial, transmitido de geração em geração, é recriado em permanência pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interacção com a natureza e com a sua história, e procura de um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo assim para promover o respeito pela diversidade cultural e criatividade humana”.

Porque urge garantir que a Memória colectiva, alicerce das Identidades Locais, não se dilua num caldo de uniformização de valores e práticas, consideramos que é através de acções desenvolvidas em cada Comunidade, junto da qual os Municípios têm maior capacidade de intervenção, que se deve e pode agir. Assim, desenvolvemos um instrumento de trabalho que agora publicamos sob a forma de suplemento a esta edição da **+museu**, que visa contribuir para a actividade da Comunidade Educativa numa estratégia de salvaguarda do Património Cultural Imaterial.

As orientações metodológicas, que se apresentam, resultam de uma reflexão da equipa do Museu Municipal acerca da temática da Memória e História Oral e respondem a problemas colocados por alguns estabelecimentos de ensino do nosso concelho; são, pois um documento aberto, que pretende pôr em prática um conjunto de dispositivos que garanta a preservação e utilização do vivido, salvaguardando o direito à propriedade intelectual de cada Cidadão disponível para colaborar nesta grande construção, que é a História de cada Comunidade. Há já trabalhos em curso, como é o caso do estudo das vivências nos moinhos de vento de Palmela. Aqui se apresentam alguns resultados, quer do trabalho de investigação do Museu Municipal, quer das práticas desenvolvidas pela Escola Secundária de Palmela, em colaboração quer com o Museu quer com uma empresa ligada à panificação em moinhos em laboração. A realidade museológica nacional após 30 anos de vivência em Liberdade, Paz e Democracia – só possível na sequência da Revolução de Abril de 1974 – qualificou-se pelo investimento autárquico nos Museus e no Património Cultural. Em Palmela, apesar das vicissitudes financeiras com que nos deparamos actualmente, temos empreendido uma acção de estruturação da política museológica, patente na discussão pública que se realizou ao longo do último ano junto das populações. Estamos pois num momento-chave de reflexão e criação de bases para o Futuro, que queremos construir com Todos e para Todos.

Porque o Futuro não é possível sem Memória, estamos a preparar uma exposição que pretende apresentar – sobretudo aos mais novos – as transformações ocorridas no nosso concelho entre 1974 e 2004. Abrirá em Setembro, de modo a que a Comunidade Escolar possa dela usufruir – também aí esperamos por Si !

A Presidente da Câmara



Ana Teresa Vicente



2 em destaque...

Moinhos de Vento de Palmela:

a voz dos Ventos na voz das Gentes!

Os moinhos de vento constituem, em Portugal, elementos definidores de uma presença física nas mais variadas regiões. O concelho de Palmela não é distinto desta realidade, apresentando também alguns testemunhos destas engrenagens extraordinárias que marcaram a história do cereal e do pão, ao longo dos séculos da sua existência.

Com este artigo pretendemos não só dar alguns contributos para a história e o conhecimento do funcionamento dos moinhos de vento de Palmela, mas também dar-lhes voz, através dos seus protagonistas: os moleiros, os proprietários e a comunidade que hoje os pode recuperar como memórias de um passado recente, que ainda tem muito para nos contar.

Na procura incessante da origem dos moinhos de vento, encontrámos certamente uma Europa Medieval a caminho dos “tempos modernos”. Não nos preocupando excessivamente com as várias teorias associadas ao seu surgimento, certamente teremos de valorizar a “novidade” que está na sua origem: a força eólica como fonte de energia aplica-

da na “passagem do movimento vertical ao movimento horizontal com desmultiplicação, conhecida desde a época romana”¹. Este mecanismo, apesar de conhecido desde o período Clássico, só é aplicado aos engenhos de moagem no período medieval.

Parecendo um engenho simples, os moinhos de vento, que ainda povoam os nossos olhares, funcionam de forma complexa: a rotação do **eixo da roda motriz vertical** (mastro) é transmitida pela **entrosga** (roda dentada) a um carrete, situados no centro do moinho, no piso superior, para que a entrosga possa rodar em torno dele, acompanhando a rotação do capelo e do mastro de acordo com a orientação do vento. O eixo do carrete constitui o veio de cima que, engatado na **segurelha** que está encaixada na mó de cima, acciona esta e se prolonga, para baixo, pelo veio de baixo. Este veio atravessa uma bucha que se encontra no olho da mó inferior, e gira na rela fixada no **urreiro**, que fica no piso intermédio, e cujas deslocações verticais, comandadas pelo **aliviadouro**, regulam a aproximação das mós².

¹ LÉON, Pierre (Dir.) – **História Económica e Social do Mundo: o Mundo em Expansão, séculos XIV-XVI**. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1984. Vol. I. Tomo II. p. 479.

² Adaptado de OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim – **Tecnologia Tradicional Portuguesa: Sistemas de Moagem**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983. p.p. 252-253.

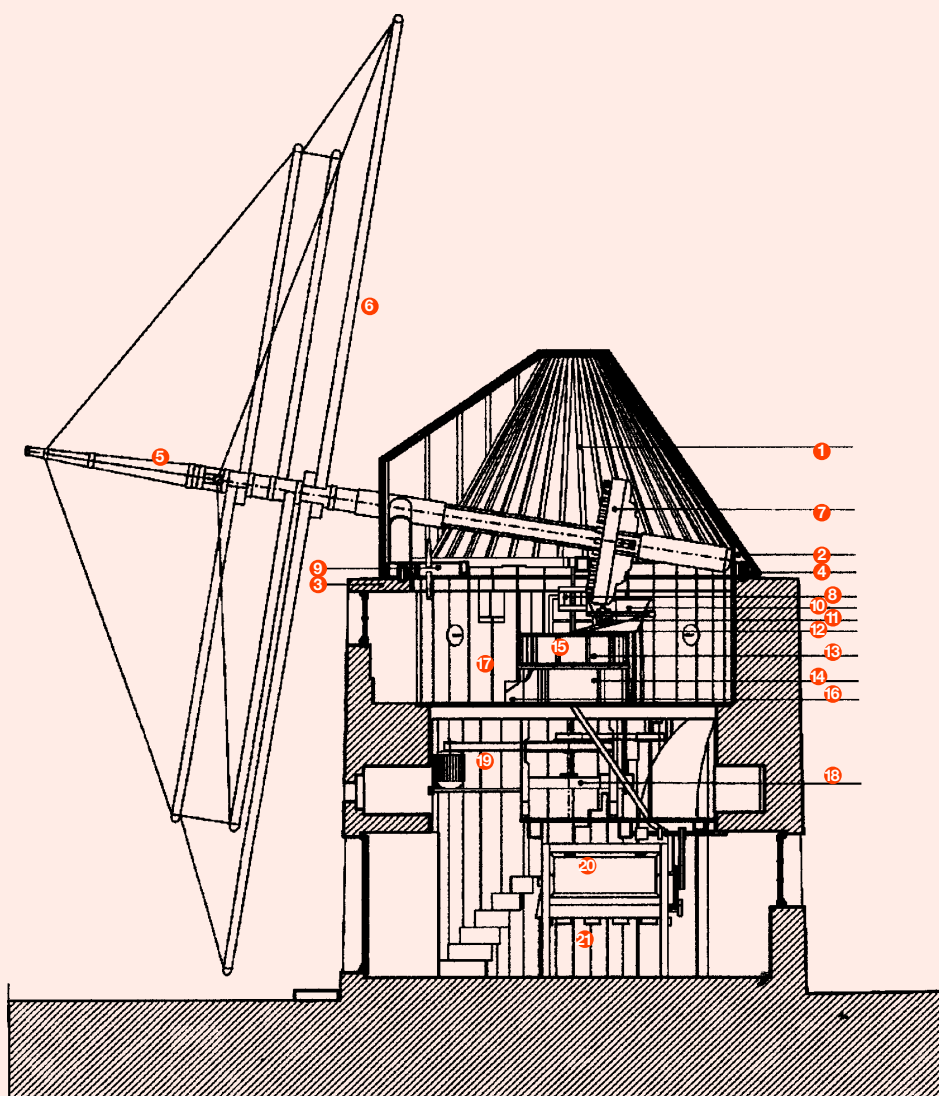


Fig. 1 - Corte esquemático do Moinho da Força

1 - CAPELO	8 - CARRETE	15 - CAMBEIROS
2 - FRECHAL DE MADEIRA	9 - SARILHO	16 - TREMONHADO
3 - FRECHAL DE PEDRA	10 - TEGÃO	17 - SOBRADO
4 - RODAS DE MADEIRA	11 - CORREDIÇA	18 - PONTE E URREIRO
5 - MASTRO	12 - QUELHA	19 - SOTO
6 - VARAS	13 - MÓ DE CIMA	20 - PENEIRA
7 - ENTROSGA	14 - MÓ DE BAIXO	21 - RÉ-DO-CHÃO

Em Palmela, encontramos algumas referências a moinhos de vento na documentação da Ordem de Santiago, no século XVII, como esta que consta da demarcação do Reguengo dos Fetais "(...) marco sobindo pello oiteiro do moinho do vento (...) "³. É no entanto para o século XIX, com a leitura da *Carta Topográfica Militar do Terreno da Península de Setúbal*

de 1816, que podemos quantificar estes engenhos para Palmela e, mais concretamente, dar-lhes identidade própria, através da atribuição, aí referenciada, do nome para alguns deles.

Também parece coincidir esta época (primeira metade do século XIX) com o início da entrada em decadência de moinhos de vento

³ IAN/TT, *Ordem de Santiago/Convento de Palmela*, cód. 274, fl. 29.

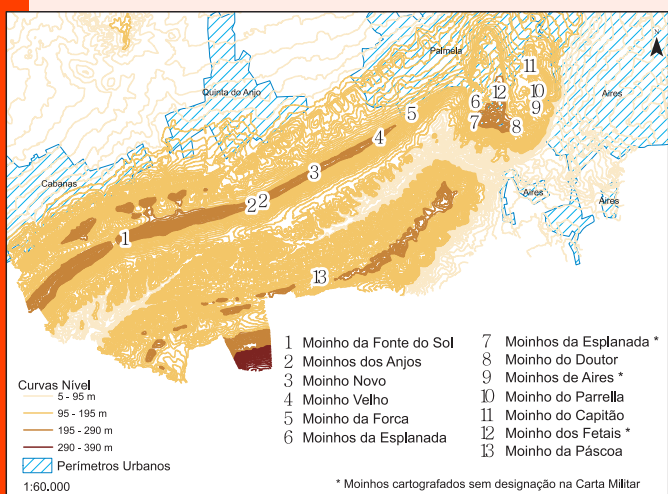


Fig. 2 - Mapa dos Moinhos de Vento de Palmela em 1816 ⁴

de Lisboa face à “(...) concorrência dos moinhos da Outra Banda - onde o número aumentara consideravelmente desde o princípio do século (...)”, entre outras razões⁵. Desde então, os moinhos de vento de Palmela laboram arduamente até meados do século XX, quando entram em decadência perante o crescimento da indústria de moagem de farinha. De acordo com o moleiro Francisco Cardoso eram 22 os Moinhos de Vento de Palmela⁶, três dos quais “abatidos” e os outros 19 que parecem querer sobreviver e, alguns mesmo, triunfar face às adversidades dos novos tempos. Cabe a todos nós, e sobretudo ao Museu Municipal como entidade que investiga, conserva e divulga o património

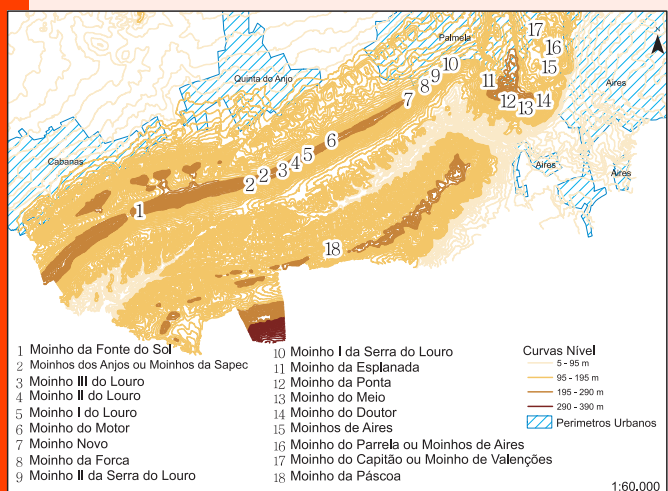


Fig. 3 - Mapa dos Moinhos de Vento de Palmela em 2004 ⁷

concelhio, a árdua tarefa de preservar estes engenhos através da sensibilização da comunidade local para esse fim.

É neste contexto que o Projecto de Arquivo de Memória Oral do Concelho de Palmela está a ser constituído. O valor do testemunho oral como forma de dar voz a todos os que participaram na construção histórica, aqui representada, na família de moleiros, cujos saberes, tradições, costumes, hábitos foram sendo transmitidos oralmente, mas que hoje, face ao quase total abandono do ofício, correm o risco de serem apagados da História de Palmela, permite preservar este valioso património.

É nosso propósito, então, e para que se possa melhor compreender o funcionamento de um moinho de vento, retratar o quotidiano de seu intenso labor. O moleiro Francisco Cardoso (figura 4) que, em meados do século XX, e em pleno fulgor da sua juventude, trabalhava com seu pai no moinho de Aires (o “moinho velho”) conta-nos como eram os dias do moleiro. “Quando eu comecei (12 anos) estava mais o meu irmão e mais o meu pai. Ele é que ia ao campo levar a farinha e trazer o trigo (...) tínhamos muitos fregueses dos Arraiados, Vale da Vila, Lagoa da Palha e Palhota (...). As pessoas de Palmela iam comprar a farinha aos moinhos. Essa farinha era tirada da maquia.

De Verão, o moinho d'Aires todos os dias, dia e noite (...), fazia uma tarefa. Tinha de ter era gente lá dentro: [de dia] para fazer a limpeza do grão; [de noite] o pai é que ficava lá (o vento é mais de noite do que de dia). (...) Trabalhava todo o Verão (...) até aos Círios d'Atalaia. (...) De manhã, quase ao nascer do sol, outras vezes ainda o sol não nascia, [era] para limpar o pão, o trigo era molhado e outra vez crivado e panejado novamente e depois é que vai para a mó (...). Assim que chegava ali 5 horas, 5 horas e meia da tarde, já tinha vento para andar de roda, embora fosse com certa lentidão, assim que o dia ia caindo e a noite caía, isso era uma ventoinha. Assim que

⁴ Cf. *Carta Topographica Militar do Terreno da Peninsula de Setubal* – Joze Maria das Neves Costa. Escala [ca. 1:30000] 3000 braças por 1 Palmo. – [s.l.: s.n., 1816]. – 4 folhas: color.; 71x93cm. In Instituto Geográfico Português, CA 138-141.

⁵ Cf. SIMÕES, Santos referido por OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim – **Ob. Cit.**, p. 246

⁶ São Moinhos de Vento fixos de torre em pedra, com sistema de tracção por meio de sarilho interior cf. tipologia proposta por OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim – **Ob. Cit.**, p. 268.

⁷ Todo o trabalho de localização cartográfica e designação dos moinhos (1816 e 2004) foi realizado em cooperação com a arqueóloga Michelle Teixeira Santos, colaboradora do Serviço de Arqueologia da Divisão de Património Cultural / Câmara Municipal de Palmela. A cartografia foi realizada na Divisão de Informação Geográfica com apoio da geógrafa Cláudia Romba.

o sol nascia, ia-se logo [embora o vento]. O meu pai é que ficava à noite. Às vezes, pelas 3 horas 3 horas e meia enchia o tegão e vinha-se embora ou dormia ao lado da mó. (...) E quando [o tegão] já não tem grão, o chocalho pesa mais do que a bolinha de cortiça, deixa cair e (...) tricalatrim, tricalatrim, tricalatrim... [mas] dá tempo, [o pai] ouve o chocalho em cima da mó e, se estiver por perto, iria [retomar a tarefa].



Fig. 4 - Interior do Moinho do Meio

“Estava eu a joeirar o trigo, estava um rapazinheiro que andava com umas cabritas (...) e estava um aqui a desenhar [era] o Afonso. (...) Tinha 27, 28 anos. De dia o meu pai ia levar a farinha, trazia o trigo e eu ficava a limpar o trigo. (...) À tarde vinha o vento e íamos trabalhar. Aparecia ali muita gente que tirava as fotografias!”⁸

No Inverno uma tarefa em vez de levar um dia e uma noite podia levar quinze dias. (...) O meu pai cortava as velas (...) a roupa do moinho. (...) Se fazíamos uma tarefa todos os dias, todos os dias tínhamos de picar a mó (...). [Outras actividades de manutenção do moinho fazíamos algumas] vezes no Verão,

de ano a ano ou de 2 em 2 anos. Quando não tinha vento, tínhamos um bocadinho de campo e podíamos fazer umas coisas lá (...).⁹



Fig. 5 - Moinho do Parrela ou Moinhos d'Aires

“Foram as últimas velas que o meu pai fez, mas quem as coseu foi o meu parente, o Pinhal Novo. Estou eu, tinha os meus 13, 14 anos, está ele, estão duas filhas dele que eram pequeninas na altura. (...) A sombra que está aqui é a do moinho velho, chamava a gente!”¹⁰

No entanto, nem só ao trabalho e à produção de farinha se associam os moinhos de vento: ousar desafiar “uma divindade caprichosa como o vento (...) entre os cristãos, os moinhos em geral mantinham um carácter assustador (...). Os poetas, que são os grandes configuradores do inconsciente, encarregavam-se de não deixar que esse elemento de terror se extinguísse no sentimento popular [anteriormente associado às azenhas e aos constantes incêndios a que estas estavam sujeitas]. Dante (...) vê um moinho (...) [de] vento. (...) Não era, contudo, um moinho; era o próprio Diabo, assumindo a forma de moinho para triturar as almas dos pecadores. As almas são agarradas pelos braços do moinho e levadas até às goelas do Diabo onde desaparecem. (...) Cervantes (...) colocou a imagem desse pavor na mente (...) do seu Dom Quixote: o cavaleiro vê nas pás do moinho as braços de criaturas gigantescas contra as quais é seu dever investir com a sua lança cristã”¹¹.

Também em Palmela existem **histórias fan-**

⁸ Entrevista a Henrique Cardoso, 78 anos, concedida a Cristina Alves e Cristina Prata / Museu Municipal, Março 2004. Foto 4 cedida pelo entrevistado.

⁹ Entrevista a Francisco Cardoso, 72 anos, concedida a Cristina Alves e Cristina Prata / Museu Municipal, Março 2004. Foto 5 cedida pelo entrevistado.

¹⁰ Idem.

tásticas associadas aos moinhos.

O Moinho da Fonte do Sol era conhecido popularmente como o moinho do Diabo. Os moleiros Henrique Cardoso, Francisco Cardoso e Humberto Marçal contam-nos a sua história: “Um gato largou fogo ao moinho.” (Francisco Cardoso). “O meu pai contava que o moinho moía sem vento, aquilo não era só vento, existia lá outra coisa qualquer que não era só vento. Volta e meia arrancava os barrotos, despregava tudo. Foi arranjado e o dono disse que agora só o lume o despregava. Passados poucos dias ardeu.” (Humberto Marçal). “Aquilo eram bruxedos que havia lá dentro!” (Henrique Cardoso)¹². Certamente outras histórias estarão por contar...

Moinhos como extensão museológica

Mas, e porque é necessário conhecer/divulgar este património em extinção, os Moinhos Vivos da Serra do Louro constituem hoje uma extensão museológica, no âmbito de um protocolo celebrado entre a Câmara Municipal de Palmela e a empresa proprietária. O protocolo tem quatro anos e ninguém melhor do que o Eng. Carlos Frescata para nos dar conta do trabalho realizado até ao presente:

“A recepção e acompanhamento de escolas do concelho de Palmela no Centro Moinhos Vivos, no contexto do protocolo estabelecido em 2000 entre a Biosani e a Câmara Municipal de Palmela (CMP) através do Museu Municipal, contribuiu decisivamente para o nosso objectivo chave de integrar o Centro na comunidade local.

O relacionamento com a Divisão de Património Cultural da CMP tem evoluído de um modo sólido e consequente, fruto de uma caminhada com um diálogo franco, construtivo e com objectivos comuns. Neste ano lectivo 2003/4 podemos sentir que já se atingiu um nível de maturidade neste relacionamento que veio a permitir, além de uma melhor recepção regular das escolas nomeadamente com uma equipa de referida Divisão bem preparada e motivada, o lançamento de um projecto extremamente interessante com a Escola Secundária de Palmela.

Sobre esta última iniciativa, no âmbito da Área-Escola da turma B do 9.º ano, gostaria de destacar como a equipa docente conseguiu transmitir aos jovens o tão necessário sentimento de realização pessoal pelo trabalho, neste caso no contexto de um património cultural que se pretende vivo e participado.”¹³ Relativamente a este último projecto aqui referenciado, apraz-nos sobremaneira contá-lo na voz dos seus protagonistas: professores e alunos.

O tema do **projecto** é: **“Por onde andou o vento que move as velas destes moinhos?”**

ou “de como se pode partir da necessidade de exemplificar “forças” na disciplina de Ciências Físico-Químicas (CFQ) e chegar à tradução de um artigo de uma revista científica, passando pelo desenho, pela pesquisa, por uma visita de estudo e por outras tantas coisas, qual delas a mais interessante!”

“Escolhidos como tema central desta Área-Escola, os moinhos desta e de outras regiões têm proporcionado uma interessante experiência de trabalho a alunos e professores da turma B do 9.º ano da Escola Sec. de Palmela. Quase todas as disciplinas se envolveram neste trabalho, o que tem contribuído não só para criar a necessária dinâmica que lhe permita que “funcione”, mas também para atingir o nobre objectivo da Área-Escola, tantas vezes esquecido, de permitir aos alunos a percepção do todo e das partes de um problema, ou seja, de aprenderem como este pode e deve ser observado e trabalhado em todas as suas vertentes com a contribuição do maior número possível de saberes.

Assim, as CFQ pensaram nas “forças”, as Línguas Estrangeiras no vocabulário e na tradução, a História e a Geografia na pesquisa, a Ed. Visual na reprodução no papel dos engenhos estudados e do moinho e paisagem circundante, a Língua Portuguesa na poesia e nos inquéritos, a Matemática nas formas e nas medidas, a Ed. Física num circuito de orientação e a Formação Cívica na sensibilização para a importância do trabalho para os homens e para as comunidades onde habitam.

Mas, depois de uma primeira perspectiva

¹¹ JACOB, Heinrich Eduard – **6000 anos de pão**. Lisboa: Antígona, 2003. p.p. 207-208.

¹² Entrevista a Francisco Cardoso, 72 anos, Henrique Cardoso, 78 anos e Humberto Marçal, 66 anos, concedida a Cristina Alves e Cristina Prata / Museu Municipal, Março 2004.

¹³ Depoimento cedido pelo Eng.º Carlos Frescata, Sócio-Gerente da Biosani, empresa proprietária dos Moinhos Vivos da Serra do Louro, Março de 2004.

mais “individualista”, todos pensámos, em conjunto, na beleza dos moinhos e da música que com a ajuda do vento, vão escrevendo para nosso encanto; no papel que tal beleza pode ainda assumir nas nossas paisagens se, sem drama, soubermos aceitá-los, quando, já sem futuro assegurado como força produtora, podem vestir um novo personagem e de produtores passem a anfitriões de visitantes de outras paragens.

As ideias são muitas (cada vez mais!), mas o tempo é pouco (cada vez menos!) e, assim, nos vemos confrontados com a necessidade de escolher só algumas (e quase todas nos parecem tão tentadoras!)

O que nascerá quando todos estes esforços se juntarem no final do ano, só então o saberemos.

Desde já, podemos dizer que, pelo que temos visto, pelo que temos aprendido, pelo entusiasmo que sentimos, valer a pena, valeu!

Do resto dirão outros, os que nos visitarem no Cine-Teatro São João, de 21 a 25 de Junho, semana durante a qual, para além de aguardarmos a visita à nossa exposição de todos os que se sintam curiosos de ver “por onde andámos”, também realizaremos um concurso de “coisas de vento” (moinhos, papagaios e outros) destinado aos mais novos do Concelho.

A propósito desta abertura à comunidade que nos é facilitada pela disponibilização do espaço acima referido, será importante referir aqui que o apoio que a CMP concede ao projecto, não só financeiro e logístico, mas também o de acompanhamento e formação na área da temática, é fundamental para que o seu fôlego possa ser um pouco mais ousado.

Como Directora de Turma e responsável pela ACND da Formação Cívica, não consigo terminar este pequeno artigo, sem fazer um reparo muito positivo à oportunidade que nos foi concedida pelos Moinhos Vivos de Palmela (nossos parceiros neste projecto) de os nossos alunos poderem vivenciar uma experiência de trabalho, realizando um pequeno “estágio” nas suas instalações onde, tal qual um “estagiário”, realizam algumas tarefas e contactam com o policromado e misterioso mundo do trabalho.

Tem sido para todos nós (professores, responsáveis do “Moinho” e alunos) uma experiência feliz, mas, oiçamos os alunos que são a razão principal não só deste, mas também deste nosso trabalho.”¹⁴

A voz dos mais novos

Não poderíamos terminar este artigo sem colocar aqui a voz dos mais novos, para quem se destinou este projecto: “Foi uma experiência muito interessante, divertida e proveitosa. Deu-nos a oportunidade de entrar em contacto com o mundo do trabalho (uma realidade da vida que não conhecemos).

Esta “visita” ao moinho ajudou-nos a conhecer a importância do trabalho e como, a partir de pequenas actividades como esta, se pode gerar vários empregos, cada um deles com a sua responsabilidade e importância.

As pessoas que nos receberam foram muito simpáticas e ensinaram-nos muitas coisas que para nós eram desconhecidas. Foi pena ser pouco tempo...

Este tipo de iniciativas é muito importante para que os jovens possam contactar com o mundo do trabalho, ao mesmo tempo que ficam a conhecer a cultura da região, podendo, assim, incentivar futuramente esta área de trabalho em “vias de extinção”.

Gostámos bastante desta experiência e pensamos que ela se deve repetir com outros jovens! E, o pão é muito bom!”¹⁵

Não podemos finalmente deixar de assinalar que, no decurso da investigação realizada em torno dos moinhos de vento de Palmela e ainda no âmbito da acção promotora de sinergias associadas ao Serviço Educativo do Museu Municipal, o que mais nos entusiasmou foi a possibilidade de dar voz aos generosos protagonistas destes fantásticos engenhos e com ela fazer a história destes moinhos cheios de arcaísmos, mas repletos de histórias para contar às gerações vindouras. Serão estas vozes capazes de acalmar a divindade dos ventos e perpetuar o som dos canudos (vulgo búzios) nas memórias das gentes de Palmela?

Cristina Vinagre Alves
Técnica Superior do Museu Municipal de Palmela

¹⁴ Depoimento cedido por Maria Margarida Coutinho Teixeira, Directora de Turma e Responsável pela Área-Escola do 9.º B, do ano lectivo 2003/2004, da Escola Secundária de Palmela, Março de 2004.

¹⁵ Texto elaborado pela professora Mª Margarida C. Teixeira, por colagem de excertos das avaliações individuais realizadas pelos alunos, após a sua “experiência” de trabalho nos “Moinhos”, Março 2004.



A ADEGA

Património Local



e o SISTEMA de VINIFICAÇÃO de ÂNFORA ARGELINO de ALGERUZ

Na sequência do artigo anterior ¹, no qual se abordava a criação do Núcleo Museológico do Vinho e da Vinha a instalar na Adega de Algeruz, propomo-nos hoje destacar a importância e singularidade desta estrutura que, no momento da sua constituição, era uma importante e destacada unidade industrial do concelho de Palmela.

1.

A Adega de Algeruz

1.1 Caracterização da Adega



A construção das instalações da adega de Algeruz, efectuada a partir de pequenas 'adegas' já existentes², data de 1931 e deve-se a D. Gregório Gonzalez Briz, recém-chegado ao grupo das elites rurais³, que ali irá aplicar e desenvolver os conhecimentos adquiridos na sua recente formação enológica feita em Bordéus.

O edifício industrial é descrito, na época, como possuindo «Quatro grandes e bem ventiladas alas [que] constituem a parte antiga com toneis colossos e subterrâneos amplos, onde, numa combinação regulada, se faz o retém do vinho, para ali transportado por auto-bombas e quasi sem emprego de braço».⁴

Situada no concelho de Palmela, a adega

de Algeruz era noticiada em 1937, pela imprensa regional, como «A mais moderna Adega de Portugal»⁵, reconhecimento que lhe fora conferido pela Federação Nacional dos Vinhos.

Considerada como a segunda maior adega da região⁶ e a primeira do país em 'tecnologia da produção do vinho', a adega utilizava já em 1934 a Vinificação por «Lessivage Automatique» ou Sistema de Lessivage Automatique, que havia de conduzir, anos mais tarde, ao sistema de Ânfora Argelino.



1.2 A Vinificação e o Sistema de Lessivage Automatique

A vinificação é o conjunto de operações efectuadas para transformar em vinho o sumo do esmagamento das uvas. Considerada como a arte de fazer vinho, a vinificação abandona nesta época o seu ca-

¹ In **+museu** - boletim do Museu Municipal de Palmela, n.º 2, Novembro de 2003, p. 4 a 7

² Escritura da Herdade de Algeruz - 1925

³ E beneficiando de condições promissoras no quadro da vitivinicultura nacional anunciadas pelo então emergente Estado Novo

⁴ **O Setubalense**, n.º 5887, 12.5.1937

⁵ **Idem**

⁶ A primeira adega da região era "Rio Frio".



+museu



rácter empírico para constituir-se num verdadeiro saber, enquadrado pela moderna enologia.

Em termos vinícolas, o termo engloba apenas o(s) processo(s) que diz respeito à fase de elaboração fermentária do vinho.

Existem numerosos processos de vinificação, que correspondem quer ao tipo de vinho a fabricar, quer justificados pela evolução tecnológica que se fez sentir ao longo do tempo.

E porque vinificar é aplicar a um caso especial, em dadas condições, uma técnica escolhida do conjunto de conhecimentos adquiridos sobre os mecanismos e fenómenos da vinificação, iremos abordar o caso específico e concreto, implementado na antiga adega de Algeruz, actual núcleo museológico dedicado ao vinho e à vinha. O Sistema de Lessivage Automatique era usado na Argélia (onde as fermentações atingiam elevadas temperaturas chegando aos 39º e 40ºC), e ensinado na escola de enologia em Bordéus; classificado como 'o mais aperfeiçoado fabrico do vinho' era entendido como um processo extremamente simples, acessível a qualquer vinicultor, exigindo no entanto, avultados custos, só comportados por uma grande adega.

Mas, passemos à descrição deste processo.

As uvas eram recebidas e depositadas no tegão, tanque existente no exterior do edifício da adega, e daqui passavam ao esmagador/desengaçador "Egrappoir Foule-Pompe", também conhecido incorrectamente por pisa mecânica. De seguida, as massas esmagadas eram conduzidas aos recipientes de fermentação - depósitos de cimento -, designados por cubas de lexivação automática ou ânforas. Ali decorria a fermentação regular (caso das massas tintas), processo onde era aplicado o arrefecimento dos mostos através do sistema de refrigeração instalado. Este sistema de aparelhos refrigerantes, constituído por um conjunto



de tubos sobrepostos, conduzia a água que circulava e arrefecia o mosto.

Este processo foi de grande utilidade e muito vantajoso para as médias e grandes adegas, pois assim se obtinha 'melhor perfeição' no fabrico do vinho, com «uma grande economia na construção das adegas e na mão d'obra do fabrico, porque, não só se necessita de menos espaço, como de menos obreiros»⁷. Era este o processo tecnológico inovador que D. Gregório G. Briz instalara na adega de Algeruz, garantindo-lhe o fabrico de bons "vinhos de pasto", apreciados em Portugal, mas também em Inglaterra, para onde chegaram a ser comercializados.

No entanto, e apesar dos progressivos conhecimentos no campo da vinificação, a preocupação sentida e amplamente discutida pelos vinicultores da época continua a ser o 'comportamento fermentativo' das massas.⁸

Para dar resposta a esta questão, a enologia estabeleceu que, para controlar a fermentação, havia que se *observar uma vigilância das temperaturas*⁹ e a possibilidade, se necessário, de efectuar um rápido arrefecimento do mosto, o que era feito através de um sistema de frio¹⁰.

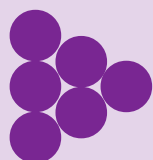
Caminhava-se assim para as bases do

⁷ O Setubalense, n.º 5887, 12.5.1937

⁸ Pasteur tinha estudado e publicado na obra "Estudos sobre o vinho" « que as qualidades do vinho dependem em grande parte da natureza específica das leveduras que se desenvolvem durante a fermentação dos mostos».

⁹ Sendo variável, a temperatura da fermentação não deve exceder os 33 º C, devendo ocorrer entre os 25º C, e fixar-se nos 15-20º C, em função das distintas variedades de vinho.

¹⁰ São sobejamente conhecidos os benéficos efeitos do 'frio' na estabilização e afinamento dos vinhos. A prática do frio, (utilizada desde há muito), acrescenta ao vinho uma melhor clarificação, maior estabilização física e bacteriológica e um 'bouquet' mais acentuado.



moderno sistema de vinificação de Ânfora Argelino.

E é neste sentido que, D. Gregório G. Briz apostado em **produzir os melhores vinhos** irá introduzir na Adega de Algeruz o mais moderno sistema de vinificação, apetrechando-a com a mais moderna tecnologia da época.

2.

O Sistema de Ânfora Argelino

2.1. O sistema de ânfora argelino

Como o nome sugere, o sistema de ânfora argelino opera nas ânforas argelinas. As ânforas argelinas são depósitos especiais e pertencem à categoria de recipientes mistos¹¹ equipados e usados para o fabrico de **vinho tinto**. No interior possuem uma cuba ânfora com uma abertura circular, onde se faz a fermentação dos mostos com a manta submersa e com uma perfeita lixiviação automática das massas que assim cedem todas as suas propriedades ao futuro vinho, dando-se uma perfeita oxigenação das leveduras devido ao arejamento e arrefecimento automáticos, só possível graças a um sistema de refrigeração¹², já mencionado, e instalado através de condutas de tubagem sinalizadas (conforme a imagem documenta).



2.2. O Autovinificador Ducellier-Isman

No final dos anos trinta do século passado, os autovinificadores foram apresentados aos vinicultores como aparelhos úteis e a solução que “proporcionava às ânforas argelinas um trabalho fermentativo mais har-

monioso”¹³, controlando as altas temperaturas¹⁴.

Estes aparelhos mais não são que refrigeradores de arrefecimento que operam ao nível das fermentações, no decorrer da vinificação. São constituídos por uma válvula (que trabalha com água) e o autovinificador.

O autovinificador Ducellier-Isman é constituído por três peças: Válvula Hidráulica, Lixiviador e Coluna de Ascensão Termos-tática.



À ânfora argelina - que permitia a lixiviação perfeita e completa de remontagem automática¹⁵ - acoplava-se o autovinificador¹⁶, obtendo-se assim um trabalho fermentativo mais regular e mais rápido, com uma oxigenação perfeita das leveduras.

2.3. Funcionamento do Sistema de Ânfora Argelino com Autovinificador Ducellier-Isman

O mosto (das massas tintas) era deitado na ânfora argelina iniciando a fermentação. Deste modo, a massa eleva-se e aumenta de volume, em virtude da acção do anidrido carbónico que exerce pressão. O «chapéu ou manta»¹⁷ subia à superfície, mas era reti-

¹¹ Reservatórios feitos em cimento armado 'o modelo de cuba mais prática e também de duração ilimitada'.

¹² Este sistema de refrigeração utilizava as águas bombeadas dos furos, recurso abundante na herdade de Algeruz.

¹³ PATO, O. - **O Vinho / Sua Preparação e Conservação**, 7ª ed., Coleção «Técnica Agrária», Lisboa, 1982, p. 124

¹⁴ As altas temperaturas 'matam' as leveduras responsáveis pelos aromas e propiciam o aparecimento da indesejável acidez volátil

¹⁵ Técnica da "Lessivage Automatique".

do e de imediato iniciava-se a fermentação tumultuosa com elevadas temperaturas, devido à libertação do açúcar. Este inconveniente era combatido por meio do sistema de refrigeração.

Por outro lado, a libertação do gás carbónico e o seu desenvolvimento obrigam o mosto a subir na coluna termostática, vindo à cuba superior, diminui a pressão interior e desce novamente. Dá-se assim a circulação do mosto, permitindo o arejamento e a rega por igual de toda a manta.

Faltando a pressão, a água voltava à válvula e o fenómeno da lixiviação recomeçava, estabelecendo-se, desta maneira, um movimento contínuo e automático-ascendente e descendente-repetido até ao final da fermentação entre 80 a 150 vezes¹⁸.

Em síntese, a **vinificação** pelo sistema de **ânfora argelino** com autovinificador D.I. introduziu notáveis vantagens, a saber:

- Redução do tempo de fermentação em cerca de 1/3 – mais rápida e acelerada;
- O sistema completo de refrigeração, proporcionava a fermentação em ânforas de grande capacidade, sem variação de temperatura, resultando um melhor rendimento das leveduras;
- O vinho adquiria mais cor devido à lixiviação violenta e maior quantidade de extracto seco e cinzas;
- Obtinha-se uma ligeira perda de álcool e um aumento da dose de glicerina;
- Fraca acidez volátil;
- O açúcar redutor mais elevado, proporcionava uma boa conservação do vinho;
- Vinho mais limpo e fino e mais rico em tanino;
- Economia de mão-de-obra e uma maior rentabilidade.

Este sistema obrigava a vigiar e acompanhar cuidadosamente a 'marcha da fermentação' das massas, verificando-se se o *desdobramento do açúcar* se fazia com normalidade e evitando a má pratica da fermentação, controlando as temperaturas elevadas, que em regiões quentes prejudicava a boa mar-

cha da transformação do açúcar, sendo causa de grandes desastres¹⁹. O processo era acompanhado noite e dia, pois as condições para uma boa fermentação passavam por algumas instruções a considerar para o fabrico e conservação do vinho de Pasto, e que eram: obter uma temperatura conveniente, fazer as correcções do Meio (correcção da acidez dos mostos) e a alimentação das leveduras.

Durava entre três a quatro dias, registando-se a medição e controlo das temperaturas a intervalos regulares, até se obter o que era definido na época como «o vinho da melhor perfeição», ou seja, vinho de qualidade que assim se conservava até ao momento de ser consumido.

Estavam assim definidos os dois principais progressos da enologia moderna, incontestavelmente, a *vigilância estrita das temperaturas* e a possibilidade, se necessário, de um *rápido arrefecimento do mosto*.

Ideal para todas as adegas pelas vantagens que oferecia²⁰, e apesar das inúmeras e acesas discussões que provocou, o sistema de ânfora argelino era o mais moderno sistema de vinificação conhecido e adequado a adegas de grande capacidade onde se trabalhava com grandes volumes. D. Gregório Gonzalez Briz introduziu-o na sua adega em Algeruz, onde usufruía de uma capacidade de armazenagem de vinho na ordem dos dois milhões e meio de litros, processo rentabilizado pelas primeiras experiências com os Autovinificadores Ducellier-Isman, que introduziu logo após a assinatura do armistício em 1945²¹.

Referências Bibliográficas

- PATO, O. - **O Vinho/sua Preparação e Conservação**, 7ª edição, Lisboa, Colecção «Técnica Agrária», 1982
- **Anais da Junta Nacional do Vinho**, Lisboa, 1950, 1951, 1953
- **Informação Vinícola**, 1942 e 1945
- **(O) Setubalense**, 1937

Créditos fotográficos: Adelino Chapa

Maria Leonor Dono Claro Campos
Técnica Superior do Museu Municipal de Palmela

¹⁶ O autovinificador determina a duração da maceração – transformação do açúcar em álcool, modificando o ritmo das entradas e saídas do mosto.

¹⁷ Camada densa e borbulhante de bagaço que é elevada pela acção expansiva do gás carbónico.

¹⁸ PATO, O. - **Ibidem**, p. 126

¹⁹ In SOUSA, Tavares de - **Informação Vinícola** "Sistema de Ânfora Argelina", 13 de Agosto de 1945

²⁰ In **Informação Vinícola** "Recipientes de Fermentação", 5 de Outubro de 1942

²¹ Por todo o lado, os anos da guerra (1939 a 1945) dificultaram o emprego dos autovinificadores, no entanto, nos anos imediatamente posteriores, generalizou-se o seu emprego pelas superiores vantagens reconhecidas e largamente divulgadas.

A estrutura económica da região de Palmela, na Antiguidade Tardia (séculos IV-VII) - breve nota

Algumas palavras

Os trabalhos de prospecção arqueológica e de escavação que têm decorrido no Concelho de Palmela e na sua região, desde o século passado, permitiram a recolha de um conjunto significativo de elementos documentais que importa analisar.

Por outro lado, os trabalhos de escavação arqueológica no castelo de Palmela, permitiram identificar algum escasso espólio de época tardo romana que importa estudar. O trabalho que apresentamos, direccionado principalmente para o grande público, procura antes de mais expôr uma breve síntese sobre a estrutura económica implementada pelos romanos neste território, entre os séculos IV/VII d.C..

1. Aspectos administrativos

A região de Palmela, que antes da conquista romana, dominava o território a partir do povoado fortificado de Chibanes, será no decurso do *Alto Império* votada a um certo abandono e marginalização, face às novas directrizes sociais, económicas e administrativas, determinadas segundo os interesses de Roma.

Na foz do rio Sado, assiste-se ao desenvolvimento de duas áreas urbanas importantes (*Caetobriga* e *Troia*), geradoras de riqueza e consumidoras de bens que irão estruturar esta região em termos sociais e económicos, que irão marcar o Baixo Sado durante a Antiguidade Tardia.

Inserida logo após a anexação deste espaço ao Império Romano no território governado pela cidade de Alcácer (*Salacia Vrbs Imperatoria*), esta hierarquia administrativa será mantida ao longo da romanização e assegurada após a conquista muçulmana, nos inícios do século VIII.

Após a conquista muçulmana, o morro de Palmela será valorizado pela construção de um castelo que será o “*Dar al - Imiara / Casa do poder*” islâmico da foz do Sado, em detrimento de Setúbal e Tróia, que serão desta vez, votadas a uma certa marginalização.

Se Tróia, como estrutura urbana, será abandonada e nunca mais recuperará, Setúbal irá transformar-se numa aldeia de pescadores e pagadores de impostos, dependente da elite muçulmana de *Balmalla/Palmela*.

2. Um tipo de ocupação do espaço, condicionada pela estrutura económica



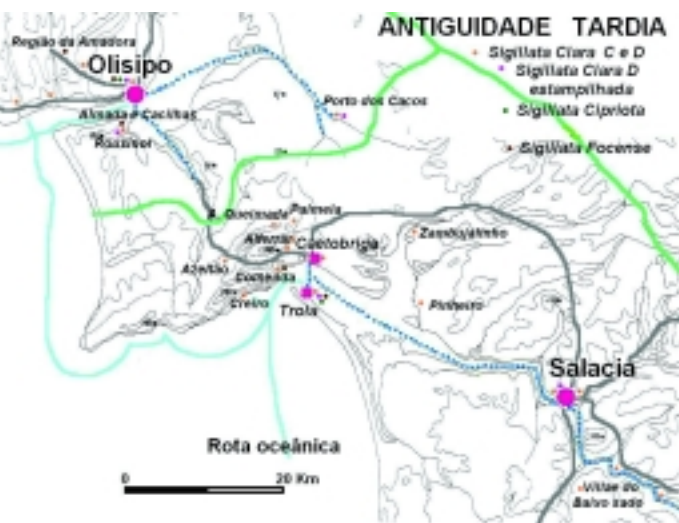
Mapa 1 - Antiguidade Tardia: a ocupação do território

Apesar de estarmos cientes de que ainda não existe uma prospecção sistemática na área em análise, e de que existem muitos locais que ainda não foram objecto de escavação arqueológica, os elementos disponíveis permitem verificar que, no decurso da Antiguidade Tardia - entre os séculos IV e o VII - o povoamento romano parece estruturar-se em áreas funcionais de forma a darem resposta coerente às necessidades

específicas dos dois núcleos populacionais (*vicus*) mais importantes da foz do Sado: a actual Setúbal (*Caetobriga*) e Tróia.

Estes dois *vicus* assentavam o seu dinamismo económico na actividade portuária e na transformação de pescado para exportação.

A documentação arqueológica disponível assinala para Tróia a presença de cerâmicas de mesa e contentores, provenientes da actual Tunísia¹, do Oriente² e da Turquia³ em elevado número, que permite supor que Tróia nesta fase seria mais importante que Setúbal.



Mapa 2 - Antiguidade Tardia: distribuição de *Sigillatas*

Face ao exposto, podemos agrupar os referidos locais do seguinte modo:

Áreas Urbanas

VICUS: *Caetobriga* / Setúbal e *Troia*

- Centros de transformação de pescado;
- Centros consumidores;
- Centros lúdicos;
- Centros religiosos;
- Centros portuários à escala do Império Romano; centralizavam também os circuitos fluviais no Baixo Sado;
- Locais de cultura e de ensino;
- Espaços de trocas comerciais à escala regional e provincial;
- Local de residência de alguns elementos das elites Romanas Tardias (Administração local, eclesiástica e comerciantes).



Mapa síntese da estrutura económica na região, entre os séculos IV/VI

Casais: ocupações romanas de pouca dimensão que se encontram no vale de Alcube (Setúbal) e nas Arrábidas (Palmela).

- Este tipo de povoamento parece concentrar-se no vale da ribeira de Alcube, ao longo da estrada que se dirigia a Lisboa;
- encontram-se localizadas na foz do rio Sado, com bom acesso ao oceano. *Caetobriga* era também um importante ponto de passagem na estrada que ligava *Olisipo*/Lisboa a Évora ou Alcácer.

Espaço Rural

Villae: Quinta da Queimada e Vale das Bruxas (Palmela), Alferrar, Casal do Boio, Vinha Grande e Casalinho (Setúbal)

- Explorações agrícolas bastante importantes;
- encontram-se localizadas numa área de terrenos férteis, longe da influência das cheias da ribeira do Livramento e do grande sapal existente a norte de *Caetobriga* - Possuem fácil acesso à foz do Sado e também à via romana *Olisipo ad Salacia*.

Cetárias: Creiro, Rasca e Comenda (Setúbal)

- Unidades de transformação de pescado de pequena dimensão;
- Localizam-se junto à foz do rio Sado, possuindo ligações privilegiadas ao oceano, permitindo deste modo um acesso fácil às matérias primas, aos contentores de cerâmica e aos circuitos de exportação.

¹ *Sigillatas* Claras de tipo C e D, dos séculos IV ao VI, que eram produzidas nos fornos cerâmicos de Cartago e de outros locais da região.

² Casos das ânforas norte africanas encontradas, em clara maioria em relação aos escassos exemplares provenientes do Mediterrâneo Oriental.

³ *Sigillata Focense*, dos séculos V-VI, proveniente da cidade de Focea, localizada na costa Turca do Mar Egeu.

Fornos de Cerâmica: Quinta da Alegria, Senhora da Graça, Ponta da Areia? (Setúbal), Zambujalinho (Palmela), Pinheiro e Abul (Alcácer do Sal).

- *Villae* produtoras de cerâmica comum e geralmente vocacionadas para a produção de contentores cerâmicos para o transporte de salga de peixe;
- possuindo igualmente acessos fluviais fáceis ao estuário do Sado, donde recebiam bens e exportavam as cerâmicas, localizavam-se ao lado de barreiros e possuíam um vasto interior estratégico de matos e florestas, onde podiam recolher madeira para utilizarem nos fornos.

Oficinas de fundição de ferro: Escoriais do Monte da Eira, das Paulinas e do Ermitão (Palmela).

- Ocupações rurais vocacionadas para o armazenamento de minério de ferro, transformação deste em objectos utilitários que depois seriam escoados por via fluvial;
- a localização destes locais, neste sector da ribeira da Marateca, permite supor que o minério chegaria via fluvial desde o interior Alentejano (provavelmente da Serra de Monfurado). Por outro lado, esta implantação sugere igualmente um forte desgaste dos matos e florestas existentes na áreas dos fornos de cerâmica atrás referidos, sendo necessário ocupar outros locais relativamente pouco degradados em termos florestais.

Indeterminado: Praia dos Coelhoos (Setúbal), Arrábidas, Alto da Queimada, Chibanes, Castelo de Palmela e Marateca.(Palmela).

- Correspondem a ocupações humanas de cronologia romana tardia, que revelaram elementos arqueológicos pouco esclarecedores em termos da natureza do tipo e função da ocupação;
- tratam-se de locais de cumeada e aparentemente marginais em termos populacionais e económicos Tardo Antigos;

- só parecem ganhar relevância nos últimos séculos da presença romana, sugerindo que a sua mais valia seria o factor segurança, face às instabilidades sociais e económicas que se abateram na região, no decurso do final do Período Visigótico;
- curiosamente é nestes locais e no Vale das Bruxas, que assinalamos a presença islâmica mais antiga da região de Palmela, de meados do século VIII.

Os dados actualmente disponíveis permitem supor que a instalação dos primeiros colonos muçulmana na região, longo em meados da primeira metade do século VIII, irá decorrer num ambiente Tardo Romano bastante debilitado em termos populacionais e económicos, mas essas questões serão abordadas noutros estudos.

António Rafael Carvalho
Arqueólogo
Museu Municipal de Palmela

Bibliografia

CARVALHO, A. Rafael - **Elementos para a História da Freguesia do Sado, desde o Neolítico, até ao Séc. XIX.** Historial da Região da Freguesia do Sado, Ed. Junta de Freguesia do Sado/Setúbal, 1993, pp. 21-51

DIOGO, A M Dias e FARIA, J Carlos - **Trabalho e produção no Sado durante a época romana**, Ed. " Movimento Cultural ", nº 6, 1989, Setúbal, pp. 81-92.

FERNANDES, I Cristina e CARVALHO, A. Rafael - **Arqueologia em Palmela, 1988-1993. Catálogo da exposição**, Palmela: Câmara Municipal, 1993

IDEM - **Trabalhos arqueológicos no Zambujalinho (Herdade do Zambujal). Primeiros resultados.** Actas das Iª Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e Sado, 1996, pp. 73-106

IDEM - **Elementos para uma carta arqueológica do Período Romano no Concelho de Palmela.** Actas das Iª Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e Sado, 1996, pp. 111-135

SILVA, Carlos Tavares da e SOARES, Joaquina - **Arqueologia da Arrábida**, Ed Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, 1986



Nos bastidores... do Serviço Educativo

Nos bastidores... convida-vos a conhecer o Serviço Educativo do Museu Municipal de Palmela, para que possam entender o trabalho que prestamos à nossa comunidade, em particular aos estabelecimentos de ensino.

Entre, sente-se confortavelmente ... divirta-se connosco !

O Serviço Educativo tem vindo a desenvolver um trabalho muito gratificante: dar a conhecer à “pequenada” do nosso concelho coisas novas sobre o nosso Património. Para que seja possível realizar este trabalho é necessário uma grande pesquisa após a qual nascem os nossos projectos. Parece fácil, não é? Mas, não é assim tão fácil!

É muito divertido realizar estes projectos, que se destinam às crianças porque estas merecem todo o nosso esforço para que possam ser felizes.

No início de cada ano lectivo, técnicos do Museu Municipal deslocam-se a todas as escolas do concelho para divulgar estes projectos bem como todas as actividades que os mesmos englobam e que são destinados a vários grupos etários, sendo no entanto o Ensino Pré-Escolar e o 1º Ciclo aqueles que mais aderem.

Após esta nossa deslocação, a escola selecciona as actividades em função do seu Projecto Educativo.

A marcação das actividades pelas Escolas é feita através de fax, e-mail ou ofício. Em qualquer um destes suportes devem vir mencionadas as seguintes informações:

- actividade pretendida (relação com o Projecto Educativo);
- dia e hora;
- n.º de alunos e professores que acompanham o grupo;
- idades dos alunos e o ano de escolaridade dos mesmos;
- nome e contacto da professora responsável pela marcação da actividade.

O SE é responsável pela confirmação desta marcação pelo telefone, após a recepção dos respectivos pedidos. As mesmas são calendarizadas informaticamente, mês a mês, e impressas, para que se possa afixar a escala. Assim, todo o pessoal afecto ao SE tem conhecimento das actividades que irão ter lugar nesse mês, sendo também feita a escala de transporte de apoio à equipa e, em casos especiais, a solicitação de marcação de autocarros a outro serviço municipal.

Um exemplo das actividades SE...

Tem tido um grande sucesso entre a “miudagem”, a visita aos moinhos da Serra do Louro – pois é, esta visita é um *espectáculo*! Nesta visita, os mais pequenos aprendem a fazer o pão; todos enfarinhados, brincam e aprendem como se faz um dos alimentos mais importantes e mais ricos na nossa alimentação. Aprendem também a conhecer um dia na vida de um moleiro, como este senhor trabalhava deste o cultivo do cereal até à moagem. Aprendem ainda a conhecer o interior e exterior do moinho.

E não só! Quase no final da visita estas crianças são surpreendidas pela nova aquisição feita pelos donos do moinho: são apresentadas aos mais famosos dos famosos: os burritos da Serra do Louro! Eles adoram conhecê-los e tocá-los.



Já cansados desta pequena aventura as crianças vão buscar o seu pão, já cozido no forno a lenha da padaria e, sentados em frente de uma magnífica vista sobre o Vale dos Barris, deliciam-se a comer, quentinho e estaladiço, o pão que estes pequenos padeiros aprenderam a fazer.

Digam lá que não vale a pena visitar os moinhos?

Já agora queremos partilhar convosco um pequeno depoimento de um elemento que dá apoio a estas visitas, para mostrar o quanto é gratificante fazê-las.

“Olá, eu sou a Flórida!

Sou o mais novo membro da família do Serviço Educativo e, desde há dois anos que faço parte desta equipa magnífica e unida que, com muita dedicação ao seu trabalho, transmite conhecimento do passado e ao mesmo tempo diverte os seus “amiguinhos”. É um serviço que me dá muito gosto participar, principalmente pelo contacto que tenho com a “pequenada”.

De todas as actividades que temos, é para a visita aos moinhos que mais vezes dou o meu contributo. É muito agradável ver a alegria e o entusiasmo dos mais novos, enquanto participam na brincadeira e se imaginam verdadeiros padeiros. É muito gratificante pertencer a esta “família”, aprendemos muito uns com os outros e não só, aprendemos principalmente com estas crianças. Quero agradecer a oportunidade de pertencer a este serviço.

Obrigada, Serviço Educativo!”

Flórida Lourenço
Auxiliar Técnica de Museografia

Antes de nos despedirmos, queremos dizer que em próximos números desta revista falaremos de outras actividades que temos para todos vós.

Estejam atentos e não percam os números seguintes!

Até lá... visitem-nos e divirtam-se!

Bina Duarte
Assistente Administrativa

Fátima Felicíssimo
Auxiliar Técnica de Museografia

Amigos dos Museus



O que é doar ?

O Museu Municipal conta, entre os seus Amigos/ Colaboradores, com um já vasto leque de pessoas que, pela forma generosa como contribuíram para a salvaguarda e divulgação do Património Cultural, merecem o nosso público reconhecimento.

Quem são os doadores e depositantes ?

Os doadores e depositantes de espólio museológico e arquivístico no Museu Municipal de Palmela são, em Maio de 2004, os seguintes (por ordem de entrega de peças):

- Família do Ferreiro Faria (Ana Cristina Faria), Pinhal Novo;
 - Maria Domingas Ataz, Palmela;
 - António Lemos, Pinhal Novo;
 - Carlos Oliveira Frescata, Palmela;
 - João Barroso, Algeruz - Palmela;
 - Mário Nunes Piedade, Palmela;
 - Maria Genoveva Marques, Palmela;
 - António Piçarra, Penteado
- Moita/Pinhal Novo
- Família de Aldonsa Margarida Franco (António Franco, Joaquim Franco e Maria José Saraiva), Pinhal Novo.
 - Anabela de Oliveira Ferreira, Palmela

Todo esse manancial de peças doadas ou depositadas correriam o risco de desaparecer, de serem descontextualizadas, não fosse a forte ligação afectiva e sentido de partilha dos seus proprietários, respectivamente, para com os antigos proprietários/usufrutuários dos bens e para com a sociedade.

Bens relacionados com a agricultura e vitivinicultura, carpintaria, ferraria e abegoaria, salão de cabeleireira, cultura caramela, propriedade urbana,... foram doados ou depositados por cidadãos que assim se tornam colaboradores de excelência do Museu Municipal na sua missão de pesquisar, conservar e divulgar o Património Cultural.

Os trâmites do processo...

O Museu Municipal, depois de contactado pelo/s proprietário/s das peças, elabora um Termo de Doação ou Depósito, documento que é levado a Reunião de Câmara para aprovação, com uma relação das peças visadas em anexo. Aceite o espólio pela Câmara Municipal, segue-se a formalização da Doação ou do Depósito, através da assinatura do documento pela autarquia e pelo

requerente; este fica na posse de um exemplar do Termo de Responsabilidade, produzido em duplicado.

Segue-se a incorporação das peças no Museu Municipal, fase na qual os técnicos procedem ao inventário, conservação preventiva (ex. limpeza) e estudo das peças, acondicionamento adequado dos bens materiais em espaços adequados e contratação de seguros para o acervo recém-entrado.

Para consolidação e restauro de espólio museológico, o Museu Municipal recorre a empresas credenciadas nas diversas áreas de Conservação e Restauro, sendo dado conhecimento da intervenção à entidade/particular depositante, no caso de peças em depósito que careçam de restauro.

No decurso da implementação do Progra-

ma Museológico Municipal, assim esse acervo será musealizado e apresentado como testemunho vivo dos saberes tradicionais, que, aliados à Memória, são o que identifica uma Comunidade.

O Museu Municipal, através dos seus vários Núcleos, como por exemplo o da Adega de Algeruz (vitivinicultura) ou de Pinhal Novo (ofícios tradicionais e ferroviários), pretende recriar de um modo digno e lúdico os antigos espaços das nossas vivências, criar pontes entre o presente e o passado dos nossos Pais e Avós.

Contamos também com a vossa participação !

Contacte-nos, em caso de pretender doar ou depositar peças que considere importantes para a história do nosso concelho !

Modos de Incorporação de peças em Museus¹

Doação

Entrega de peças ao Museu Municipal; fica sempre referenciado o nome do doador ou entidade doadora. No caso de haver conhecimento de o doador agir em memória de alguém, este facto será também registado.

Depósito

Sempre que a entidade proprietária legalmente reconhecida seja diferente daquela onde se encontra a peça estamos na presença de um depósito, que pode ser de curta ou de longa duração.

Achado

A figura do *Achado* reporta-se unicamente a bens arqueológicos. Esta situação advém, em parte, da aplicação de legislação específica que decreta a obrigatoriedade de to-

dos os bens arqueológicos serem entregues nos museus municipais da respectiva área administrativa.

Legado

Pressupõe a existência de um testamento reconhecido notarialmente.

Aquisição

Sempre que for seleccionado este modo de incorporação, deverá ser mencionado o último proprietário, a entidade que procedeu à venda e o custo da peça.

Transferência

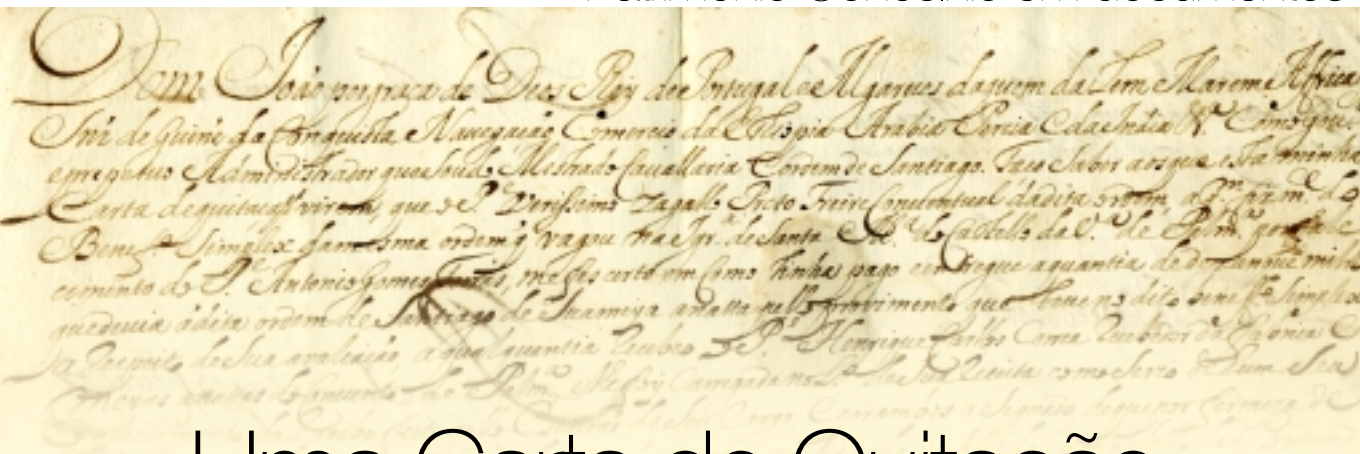
Passagem de uma peça de uma instituição para outra, a título definitivo, pressupondo abatimento da peça na instituição originária.

Outros

Permuta, usucapião, produção própria...

Zélia de Sousa
Técnica Superior do Museu Municipal de Palmela

¹ PINHO, Elsa Garrett e FREITAS, Inês da Cunha - **Normas de Inventário: normas gerais: Artes Plásticas e Artes Decorativas**. Lisboa: Direcção de Serviços de Inventário/ Instituto Português de Museus, 1999, pp. 58-59



Uma Carta de Quitação de 1730

Dom João por graça de Deos Rey de Portugal e Algarves daquem da Lem Mar em Affrica /1
 Senhor de Guiné da Conquista e Navegação Comercio da Ethiopia Arabia Percia E da
 India nomeia como Governador /2
 e prepetuo Administrador que sou do Mestrado Cavallaria E ordem de Santiago. Faço
 Saber aos que esta minha /3
 Carta de quitação virem, que o Padre Verissimo Zagallo Preto Freire Conventual da dita
 ordem a quem fiz mestre do /4
 Benefício Simplex da mesma ordem que vagou na Igreja de Santa Maria do Castello da
 Villa de Palmella por fale /5
 cimento do Padre Antonio Gomes Ferrás, me fes certo em como tinha pago e entregue a
 quantia de desanove mil reis /6
 que devia á dita ordem de Santiago de Sua meya anatta pello provimento que teve no dito
 benefício Simplex /7
 a Respeito de Sua avaliação, a qual quantia Recebeo o Padre Henrique Carllos Correa
 Recebedor da fabrica E /8
 Meyas anattas do Convento de Palmela. Me foy carregada no Livro de Sua Receita como
 Se vio de hum Seu /9
 Conhecimento de Recibo feito pello Escrivão de seu Cargo, E por ambos aSignado, de
 que por firmeza de /10
 tudo lhe mandey dar a presente Carta de quitação por mim aSignada e Sellada com o
 Sello da dita ordem /11
 E por ella o hey por quite e livre da dita quantia para que possa gozar, e uzar de todas as
 graças, privilegios /12
 e Liberdades que pella Seé Appostolica lhe Sam Concedidas E subrogadas. Lisboa
 occidental tres de Outubro /13
 de mil Setecentos e trinta./14

Carta de quitação pella qual Vossa Magestade ha por quite e livre da meia anatta que
 devia a ordem de San /15
 tiago o Padre Verissimo Zagallo Preto Freire Conventual della pello provimento que teve no
 beneficio /16
 Simplex da mesma ordem que vagou na Igreja de Santa Maria do castelo da Villa de
 Palmella por fa /17
 lecimento do Padre Antonio Gomes Ferrás freire Conventual da dicta ordem./18

Para Vossa Magestade ver/19

A não esquecer...



• Dia do Concelho, 1 de Junho

Acções integradas no Programa Comemorativo do Dia do Concelho

Igreja de Santiago - Castelo de Palmela

16h00 às 19h00

- Conferência pelo Prof. Doutor Vitor Serrão e Dr. José Meco, “As Igrejas de Palmela sob a Jurisdição da Ordem de Santiago: Aspectos Artísticos”
- Conferência pela Dr^a Filomena Barros
“Os Mouros, a Ordem de Santiago e a Fronteira”
- Conferência pelo Prof. Doutor Cláudio Torres
“O Islão do Ocidente – camponeses e pescadores”

19h30

Lançamento do livro “O Castelo de Palmela: Do Islâmico ao Cristão”, da autoria de Isabel Cristina Ferreira Fernandes. Apresentação da obra pelo Prof. Doutor Mário Barroca

• Missão: Salvar

Bombeiros Voluntários de Palmela, 1937-2004

No âmbito das comemorações do Dia Municipal do Bombeiro, e por iniciativa da Associação de Bombeiros Voluntários de Palmela e o Serviço Municipal de Protecção Civil, está patente desde 13 de Maio, na sede daquela corporação, uma exposição de longa duração produzida pelo Museu Municipal, na qual se apresentam documentos, peças e memórias fundamentais para uma história de 67 anos de Serviço e Dedicção à Comunidade.



• 30 anos de Poder Local no Concelho de Palmela

Exposição patente na Igreja de Santiago – Castelo de Palmela, a partir de 24 de Setembro e até ao final do 1º período lectivo 2004/05, com uma componente de exploração didáctico-pedagógica destinada essencialmente à Comunidade Escolar.

• Debates sobre Ante-Projecto Museológico Municipal

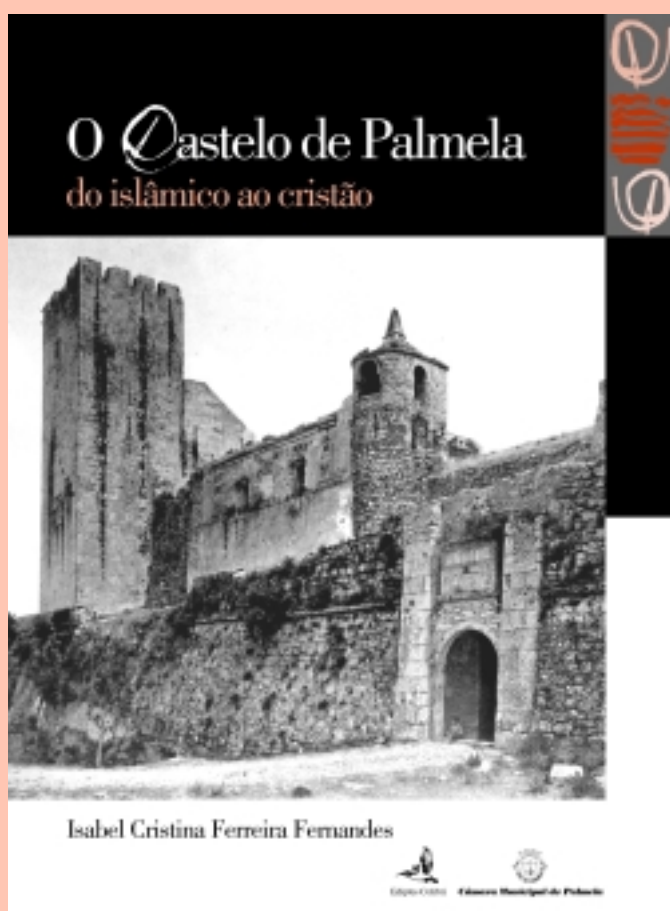
Terminou em Palmela, a 10 de Março, um ciclo de debates públicos que visou apresentar o Programa Museológico Municipal nas várias freguesias do nosso Concelho. Reuniram-se, como era objectivo, contributos de diversos Cidadãos interessados pelo Património Cultural Local, quer acerca do Programa Museológico, quer acerca de outros temas no âmbito da salvaguarda patrimonial. Destacou-se também a presença, em todas as reuniões, de eleitos das Freguesias. Todos os contributos foram enriquecedores para a produção do documento final, que constitui a base de trabalho a nível da política museológica municipal.

Edições em destaque

O castelo de Palmela: do islâmico ao cristão (no prelo) é uma obra fundamental acerca da história do Castelo de Palmela, da autoria da arqueóloga Isabel Cristina Ferreira Fernandes.

Ao longo de nove campanhas de escavação arqueológica, entre 1992 e 2003, dirigidas pela autora, e financiadas pela Câmara Municipal de Palmela e pelo Instituto Português de Arqueologia, encontraram-se estruturas e objectos fundamentais no Castelo da vila, colocando Palmela - a par, por exemplo, de Silves e Mértola - numa posição privilegiada no panorama da arqueologia medieval portuguesa.

Conhecer a fortificação da vila de Palmela, do período islâmico aos nossos dias, é um desafio que este livro propõe – aceite-o e lerá o Castelo com outros olhos!



Lançamento

1 de Junho, Dia do Concelho – 19h30
Igreja de Santiago, Castelo de Palmela

Co-Edição

Câmara Municipal de Palmela e Edições Colibri

FUNDOS DOCUMENTAIS ESPECIALIZADOS PARA CONSULTA PÚBLICA, EM PALMELA

O enriquecimento dos Fundos Documentais especializados – GEsOS e Museu Municipal – faz-se através de permuta com outras entidades (por ex.: Câmaras Municipais, Universidades, Museus, Institutos, Centros de Documentação especializados), por aquisição ou integração por oferta dos autores ou editoras.

Podem ser consultados no Gabinete de Estudos e no Museu Municipal, de 2^a a 6^a feira, nos horários de abertura ao público dos respectivos serviços.

Novas aquisições

do Gabinete de Estudos sobre Ordem de Santiago (GEsOS)



- BOISSELLIER, Stéphane – **Le Peuplement Médiéval dans le Sud du Portugal**. Paris: Centre Culturel Caloust Gulbenkian, 2003.
- BOURDARIAS, Jean; WASIELEWSKI, Michel – **Guide Européen des chemis de Compostelle**. Paris: Éditions du Sarment, 2002.
- DIAS, João José Alves (Org.) – **Cortes Portuguesas: Reinado de D. Manuel I**. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Universidade Nova de Lisboa, 2001. 3 vols.

Novas aquisições

do Fundo Documental do Museu Municipal



- ALONSO FERNÁNDEZ, Luis – **Museología y museografía**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2001
- GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel J. – **Investigação Etnográfica com crianças: Teorias, Métodos e Ética**. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, 2003
- PICKARD, Robert – **Patrimoine Culturel Européen vol. II**. Paris: Conseil de L'Europe, 2003

SITES A CONSULTAR

Pela importância que atribuímos a 3 temas neste número – 30 anos de 25 de Abril, Património Cultural Imaterial e Moinhos – sugerimos a navegação nalguns sites relacionados com essas temáticas:

www.uc.pt/cd25a

Centro de Documentação 25 de Abril – Universidade de Coimbra

<http://geocities.com/guerracolonial>

Site que permite busca de bibliografia, filmografia, cronologia, Canções do Niassa e acesso a vários links acerca da Guerra Colonial Portuguesa (1961-1974)

www.ipmuseus.pt

Site do Instituto Português de Museus

<http://icom.museum/intangible.html>

Site do Conselho Internacional de Museus – Newsletter *ICOM News* nº 4, 2003, sobre Museus e Património Intangível

<http://apai.cp.pt>

Site da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial

<http://tims.geo.tudelft.nl>

Site da Sociedade Internacional de Molinologia

www.ip.pt

Site da Secção Portuguesa da Sociedade Internacional de Molinologia/TIMS Portugal

CADA NÚMERO, UM JOGO

Sopa da Letras

Este ano comemoramos os 30 anos do 25 Abril!

Descobre, na sopa de letras, dez palavras, relacionadas com a Revolução.

DEMOCRACIA • LIBERDADE • SUFRÁGIO • CIDADANIA • CONSTITUIÇÃO • REPÚBLICA
• ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA • DEPUTADOS • AUTARQUIAS • PARTIDOS POLÍTICOS



Índice

- 1** Editorial
- 2** Em destaque... Moinhos de Vento de Palmela:
a voz dos Ventos na Voz das Gentes !
- 8** Património Local
A Adega de Algeruz e o sistema de vinificação
de ânfora argelino
- 12** A estrutura económica da região de Palmela
na Antiguidade Tardia (sécs. IV-VII)
- 15** Nos Bastidores... do Serviço Educativo
- 17** Amigos dos Museus
- 19** Património Concelhio em documentos
– Uma Carta de Quitação de 1730
- 20** A não esquecer...
 - 1 de Junho, Dia do Concelho
 - 30 Anos de 25 de Abril no concelho de Palmela
 - Programa Museológico Municipal – balanço dos debates
- 21** Edições em destaque
 - O castelo de Palmela: do islâmico ao cristão (no prelo)
- 22** Fundos documentais especializados
para consulta pública em Palmela
- 23** Sites a consultar
Cada número, um jogo
Sopa de letras - *Valores de Abril*

Contactos:

Divisão de Património Cultural - Museu Municipal
Departamento de Cultura e Desporto
da Câmara Municipal de Palmela
Largo do Município
2951-505 PALMELA

Tel.: 212 338 180

Fax: 212 338 189

E-mail: pat.cultural@cm-palmela.pt

Ficha Técnica

Edição: Câmara Municipal de Palmela

Coordenação Editorial: Chefia da Divisão de Património Cultural/Museu Municipal

Colaboram neste número: Albina Duarte, António Rafael Carvalho, Cristina Vinagre Alves,
Cristina Prata, Fátima Felicíssimo, Florida Lourenço, Maria Leonor Campos,
Sandra Abreu Silva, Teresa Sampaio, Zélia de Sousa

Design: *atelier* Paulo Curto

Fotografia: Adelino Chapa

Impressão: Armazém de Papéis do Sado

Código de Edição: 189/04 - 3 000 exemplares

ISBN: 927-8497-27-X

Depósito Legal: 196394/03

Faz parte integrante deste número uma separata com o documento:

Como Construir Memória ?

Um Recurso para a Escola – Documentação/Orientações Metodológicas